



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

Campus Restinga

Rua Alberto Hoffmann, 285 – Restinga – Porto Alegre/RS – CEP 91.791-508

Telefone: (51) 3247.8400 – www.ifrs.edu.br/restinga – E-mail: gabinete@restinga.ifrs.edu.br

EDITAL CAMPUS RESTINGA Nº 19/2022
ESCOLHA DE NOVO CURSO PARA O CAMPUS RESTINGA

Relatório do Primeiro Seminário sobre o eixo de Recursos Naturais (proposta político-pedagógica e perfil do egresso).

Data: 30/06/2022 - Quinta-feira, 17h30min

Tema: O eixo de Recursos Naturais: potencial estratégico de intervenção na comunidade, infraestrutura e recursos humanos.

Palestrantes:

Cláudio Fioreze - Agrônomo, Professor do Campus Viamão

Sandro Trevisan Fidler - Agrônomo da Emater

Vanderlei Franck Thies - Agrônomo - Professor Visitante do Campus Viamão

Mediador:

Rudinei Muller - Diretor Geral do Campus Restinga

Presentes: Divane Leal, Wagner Guimarães, Priscila Guadalupe dos Santos, Anderson Hakenhoar de Matos, Tadeu Luis Tiecher, Rafael Esteves, Mário San Segundo, Jovani Zalameña, Mikael Marques, Juliana Battisti, William Thiago Baptista, Denise Gorski, Paula Pedone, Marcelo Pereira da Silva, Cassius Ugarte, Elizete Cristina dos Santos, Daniela Nicoletti Favero.

O Diretor Geral do Campus Restinga, Rudinei Muller, fez a abertura do seminário, saudando inicialmente os presentes e agradecendo aos convidados pela disponibilidade de estarem no evento, informou sobre o edital 019/2022 que regula a escolha de um novo curso do eixo de Recursos Naturais e sobre o GT que é responsável pelo acompanhamento do referido edital, esclareceu sobre a obrigatoriedade de pelo menos um dos proponentes do novo curso ter participado dos seminários e ressaltou, ainda, o fato de que os seminários não objetivam tratar de um curso em específico, mas sim do eixo de Recursos Naturais como um todo, e apresentou o tema deste primeiro seminário: “O eixo de Recursos Naturais: potencial estratégico de intervenção na comunidade, infraestrutura e recursos humanos”. Passou a palavra ao primeiro palestrante: Prof. Cláudio Fioreze.

O Prof. Cláudio Fioreze iniciou a sua fala retomando o Catálogo dos Cursos Superiores de Tecnologia e referiu dificuldade em compreender como são enquadrados os cursos no eixo de Recursos Naturais. Seguiu dando destaque para a importância dos Recursos Naturais para a humanidade, do cuidado em tudo, desde os processos produtivos até os processos sociais e, entre eles, a educação. Citou Paulo Petersen, restando claro que é necessária a presença do saber cuidar da natureza, então o eixo tem uma importância fundamental. Reforçou que nossa intervenção deve ser no sentido de aumentar a sustentabilidade dos arranjos produtivos e socioambientais. Reafirmou o papel do IFRS neste cenário. Ainda que o objetivo do seminário não seja tratar de um curso em específico, afirma que dos 14 (quatorze) cursos previstos no catálogo, última edição, acredita que apenas três ou quatro se encaixam nas possibilidades da Região Metropolitana, Restinga e Viamão, que são regiões que se aproximam em características socioambientais, socioeconômicas e agrárias, são eles: Agroecologia, Horticultura e Fruticultura. Para implementar o curso de Silvicultura teria que ter um olhar absolutamente inovador. Percebe este território sob forte ameaça imobiliária (zona sul de Porto Alegre e em Viamão), ameaça de exploração por mineradoras (Viamão), e temos a presença dos povos tradicionais (Restinga, Lami, Viamão), dos quilombolas, indígenas, tem a



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

Campus Restinga

Rua Alberto Hoffmann, 285 – Restinga – Porto Alegre/RS – CEP 91.791-508

Telefone: (51) 3247.8400 – www.ifrs.edu.br/restinga – E-mail: gabinete@restinga.ifrs.edu.br

questão de enorme demanda da região metropolitana por alimentação. Ainda, vivemos uma situação de desigualdade social crescente, de pessoas com insegurança alimentar, por outro lado, quase 60% da população brasileira e em especial a gaúcha, de pessoas com sobrepeso, e 20% de pessoas obesas. Esclarece que este cenário tem muita relação com o eixo de Recursos Naturais, considerando-se a recorrência de casos de depressão, sofrimento emocional, isolamento por conta da pandemia, alimentação com ultraprocessados, entre outros, percebe a necessidade de uma reconexão com a natureza, de uma necessidade da diminuição do apartamento do homem com o ambiente, então existe uma aderência de qualquer curso do eixo de Recursos Naturais que venha a ser proposto, diante deste contexto. Recomendou a fala do Prof. Rualdo Menegat, que esteve na Mostra Metropolitana do IFRS em 2021, e que pode ser assistida no link: <https://www.youtube.com/watch?v=IkOq6vv9b90>. Relata que o Prof. Rualdo aponta os dramas das metrópoles, das megalópoles, e fala de uma crise cultural, para além da crise econômica, ambiental e de saúde, uma crise de afastamento excessivo dos processos naturais. Então, refere que ter na Restinga um curso do eixo é absolutamente necessário. Afirma que a inserção dos egressos no mundo do trabalho também precisa ser considerada, e a dificuldade de inserção, por exemplo, dos profissionais que tem se formado Técnicos em Meio Ambiente, da enorme dificuldade de inserção destes profissionais no mercado formal. Assim, o curso precisa ter um viés de empreendedorismo socioambiental, não é um empreendedorismo de plataforma, convencional, mas de poder gerar processos de empreendedorismo socioambiental, que pode gerar renda, gerar ocupação, mas reitera que é preciso melhorar os processos. Por exemplo, projetos integradores, projetos de final de curso, e outros, devem gerar possibilidades de intervenção, de ação social, de projetos de vida, de preferência de ação coletiva. De forma empírica, percebe que muitos vêm buscar a formação na Rede Federal não com o olhar de ter um emprego que lhe dê mais renda, mas com o olhar de ter mais qualidade de vida, de mais qualidade de ação comunitária, de vida e saúde comunitária, mas temos reforça que ainda assim é preciso instrumentalizar o estudante durante o processo de formação. Percebe os processos muito fragmentados no IFRS, com poucos momentos de sistematização, de planejamento conjunto, refere ser este um problema histórico da instituição. Então, enxerga a Agroecologia, a Horticultura e a Fruticultura como possíveis para a implantação. Saúda a iniciativa de realização do seminário, extremamente importante para o debate. Acha importante que o Campus trabalhe na possibilidade de oferta de curso multicampi, sobretudo considerando-se a escassez de recursos humanos, infraestrutura, entre outros. A oferta multicampi possibilita a integração dos campi e regiões. Afirma que há uma separação territorial que a própria natureza não enxerga, podendo-se resgatar e respeitar a integração dos territórios com uma oferta multicampi.

Na sequência, o Diretor Geral Rudinei passou a palavra ao Agrônomo Sandro Fidler.

O Agrônomo Sandro Fidler reforçou a parceria que já existe com o Campus Restinga, ressaltou a rede de parcerias já existente e que trabalha em prol de um objetivo comum. Salientou que por não ser do IFRS acredita que pode contribuir falando um pouco da realidade de Porto Alegre em termos dos Recursos Naturais => Rural x Urbano: refere que ao longo do tempo, percebe-se um sistema para acabar com as criações em Porto Alegre, suinocultores que existiam pararam com as criações, em função de legislação pesada, exigindo-se até mesmo PPCI para chiqueiro, o custo das licenças muito alto, entre outros. Refere, por outro lado, que ao circular no perímetro urbano percebe-se que os arroios são esgoto puro, sujeira, somando-se ao que está invisível lá dentro. Complementa dizendo que o agricultor tem muitas atribuições e responsabilidades, mas no perímetro urbano já não se tem o mesmo cuidado, e este debate não acontece. Exemplifica trazendo o caso do promotor que mandou fechar um chiqueiro porque o vizinho reclamou do cheiro, e é o mesmo promotor que analisou o caso do uso de agrotóxico no plantio da soja, e para isto a solução é treinar o aplicador do veneno. Reitera que o promotor foi extremamente rigoroso com o pequeno produtor, há um conflito muito forte. Afirma que se tenta estimular a produção orgânica, no entanto, acaba-se com a base da produção orgânica, o sistema não privilegia o licenciamento dos produtores locais. Referiu que ficou



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

Campus Restinga

Rua Alberto Hoffmann, 285 – Restinga – Porto Alegre/RS – CEP 91.791-508

Telefone: (51) 3247.8400 – www.ifrs.edu.br/restinga – E-mail: gabinete@restinga.ifrs.edu.br

impressionado com Porto Alegre em termos do atraso que existe nestas questões, pois não há um conselho para discutir, somente articulações políticas. Traz, ainda, outra questão que preocupa: vários agricultores sofrem nas plantações com aracuã, capivara, caturrita ... e este custo ambiental fica somente com o produtor, o restante da sociedade não valoriza isto. Complementa dizendo que não existe uma rede de proteção, um projeto para discutir com biólogos alternativas para estas questões. Em relação ao solo, diz que existe pouca erosão no território, mas há bastante retenção de carbono, o modelo adotado é o de canteiro limpo, eliminando-se qualquer outra erva espontânea. Outro modelo é trabalhado nas hortas urbanas e com alguns agricultores, mas é uma pauta a ser trabalhada ainda mais. Afirma que o Campus Restinga é parceiro no projeto de adubos verdes, que está sendo retomado e que os agricultores gostam muito, pois dá bons resultados; para alguns é um primeiro passo para uma transição ecológica. O estudo dos micro-organismos do solo também está avançando, mas entende que ainda estamos atrasados em relação a isto. Afirma que estamos começando a utilizar alguns, mas é uma solução de transição, é preciso estimular o estudo da biodiversidade para não promover desequilíbrios, afirma que há carência de pesquisas neste sentido. Em relação à água afirma: temos um custo ambiental para tratar a água que vamos ingerir, e ainda, alguns químicos não têm tratamento, e não tem um projeto de cisternas conversando com as hortas urbanas para diminuir custo da água, sem falar na potabilidade da água, cujas leis foram mudando ao longo do tempo e hoje já se permite até 29 agrotóxicos na água, fora outras substâncias que nem são analisadas. Relacionando com a poluição atmosférica, afirma que um elemento que se usa muito nas hortas urbanas é o composto orgânico das árvores podadas pela prefeitura, mas não são analisados quais são os resíduos de metais pesados, por exemplo, de árvores podadas de avenidas movimentadas (exemplifica com a Av. Osvaldo Aranha), e que acabam indo para a horta. Por outro lado, sinaliza que não há um esforço para que se use outros tipos de resíduos vegetais, por exemplo, o que vem da CEASA, ou de indústrias, e que poderiam agregar qualidade ao composto. Afirma que a lei dos agrotóxicos é outra questão, questiona: como o pequeno que produz orgânico concorre com o grande que utiliza muito agrotóxico? Afirma que a pauta dos bioinsumos precisa ser debatida. Problematiza: como pensar em Recursos Naturais em um ambiente totalmente desequilibrado, pensando-se na agricultura urbana? Afirma que as hortas urbanas são extremamente importantes para a questão da fome, da miséria, para os sequelados da covid, para a saúde mental, para as pessoas vítimas de violência, que encontram naquele espaço a terapia e o fortalecimento para encarar a vida. Vê como muito importante o diálogo entre as unidades de saúde e as escolas, promovendo trabalho com hortas, percebe avanços destes trabalhos também nos presídios, sendo possível irradiar a preocupação com o ambiente e com o local, a comunidade começa ver a necessidade da mata e do arroio despoluído, freando até mesmo a especulação imobiliária, que é uma pauta importantíssima. Alerta para o fato de que recursos naturais estão totalmente degradados nos espaços urbanos, mas que ainda existem nichos que podem ser salvos ou recuperados. Continua, afirmando sobre a produção orgânica: são poucos produtores, e que não são ouvidos, e que por força da lei querem que outros se transformem em orgânicos. Afirma que não é esta agroecologia que se quer. Exemplifica com o caso de uma certificadora que não conversa com os produtores sobre o que pode ser utilizado no cultivo, é um processo atrasado. Esclarece que Agroecologia são as relações humanas, com o meio ambiente, os processos ecológicos. Entretanto, Agroecologia para alguns está mais no nome, no vender melhor um produto. Ainda assim, afirma que temos parcerias que vão sendo construídas, exemplifica com o IFRS, com outros parceiros, que realmente trabalham os processos ecológicos, das relações humanas, dos tipos de insumos que se pode utilizar. Reafirma o trabalho na agricultura urbana desenvolvido em parceria com IFRS, nas hortas urbanas, e reitera que ainda é preciso evoluir. Dos cursos do eixo de Recursos Naturais, compreende que a Horticultura é o mais forte, refere que a Fruticultura está em declínio na região, mas ainda pode ser retomada. Reafirma que estas pautas precisam ser discutidas. Prof. Cláudio Fioreze complementou dizendo que a fala do Agrônomo Sandro Fidler ilustrou várias possibilidades de inserção dos egressos no setor de Recursos Naturais. Mas também mostrou como



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

Campus Restinga

Rua Alberto Hoffmann, 285 – Restinga – Porto Alegre/RS – CEP 91.791-508

Telefone: (51) 3247.8400 – www.ifrs.edu.br/restinga – E-mail: gabinete@restinga.ifrs.edu.br

este setor e os profissionais estão desarticulados em termos de conselho profissional, de representação profissional, desamparados de políticas públicas que criem possibilidades de trabalho. Afirma que Porto Alegre, de forma pioneira, tem uma política municipal de agricultura urbana, o que começa a criar espaços legais e necessidades de adequação dos empreendimentos para a contratação deste tipo de profissional. Reitera que ainda existe uma lacuna muito grande de espaços de trabalho, tanto para os que saem da agroecologia, meio ambiente e outros cursos do campo dos Recursos Naturais, o que não diminui a necessidade das ações, reafirmando que quando se pode conciliar com a geração de empregos é o melhor.

Agrônomo Sandro Fidler complementou com o relato de que está mudando o perfil dos egressos da UFRGS nos cursos de Agronomia, por exemplo, muitos passam a vir do meio urbano.

Encerradas as falas dos palestrantes, o Diretor Geral Rudinei abriu o espaço para as perguntas e lembrou que ainda teremos o seminário de 01/07, às 17:30.

⇒ Mário: Qual espaço que a extensão deve ter nos cursos do IF como um todo? Qual o espaço que deve ter a discussão da preservação ambiental nos cursos do IF, principalmente nos cursos do eixo de Recursos Naturais e como aprofundar estes dois debates? E acrescentando o debate da ecologia?

Prof. Fioreze respondeu dizendo que a educação é um tripé: ensino, pesquisa e extensão, citaria até um quarto elemento: a inovação. Acredita que o que pode nos diferenciar enquanto Institutos Federais, enquanto rede federal de educação básica, técnica e tecnológica, em relação às universidades, é a extensão, afirma que não podemos ser miniuniversidades, e de certa forma estamos sendo. Reproduzimos uma lógica de sistemas que são insustentáveis e de formas de atuação baseadas em relações de micropoder que acabam minando todo um potencial que a educação superior e as universidades têm, drenam energia, em função de uma visão fragmentária que deriva da concepção de ciência que domina as academias: dura, fragmentária e cartesiana. Afirma que a extensão deveria ser a porta de entrada da matriz educacional nos IFs, porque senão vai ser contaminada por uma formação: afirma que somos eternos filhotes de nossos orientadores, seguindo uma linha de pesquisa única, somos treinados para seguir aquela linha. A extensão nos permite uma imersão na realidade socioambiental, territorial, e permite mediante uma boa matriz curricular, uma boa concepção pedagógica, uma boa prática de planejamento participativo coletivo, direcionar os esforços, projetos e escassos recursos de ensino, pesquisa e extensão para aquilo que pode realmente provocar uma mudança social, uma transformação, porque é para isso que os IFs foram criados, diferentemente de outros papéis que a universidade tem. Sobre os Recursos Naturais, sobre os nossos cursos afirma que precisamos ter uma visão transversal de que a ecologia, os recursos naturais, a educação ambiental deve estar presentes em todos os cursos, por isso o IFRS está tentando construir uma política institucional de agroecologia, segurança alimentar e educação ambiental, para que se tenham instrumentos que permitam que ela seja transversal ao processo educacional, além dos processos administrativos de compras, logística interna, de gestão dos recursos naturais nos campus que também contribuem para o processo formativo dos servidores e dos estudantes, e de todos que participam da vida acadêmica. Em relação à questão do mundo do trabalho reafirma que é uma questão preocupante, os estudantes expõem a dificuldade de se colocar no mundo do trabalho, pondera que talvez tenhamos que repensar o eixo e seus desdobramentos no processo de ecologização dos cursos que temos. Exemplifica: ter uma Agronomia absolutamente convencional e ter um curso de Agroecologia no mesmo Campus é estranho, acredita que valeria a pena lutar por um processo de agroecologização do curso de Agronomia do que criar um novo curso, correndo o risco de serem criados guetos, sem interrelação entre os cursos. Acredita que pode ser interessante o campus Restinga ser inovador e propor um curso tecnólogo um pouco diferenciado com base na realidade socioambiental em que ele está inserido, e o esforço multicampi também seria muito interessante: promover um diálogo entre natureza, sistemas de produção, sistemas agroalimentares (cita o prof. Schneider da UFRGS, prof. Kátia Griza, Alberto Bracajoli), refere que os elos das cadeias agroalimentares estão extremamente fragilizados, com o avanço do agro tec, pop,



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

Campus Restinga

Rua Alberto Hoffmann, 285 – Restinga – Porto Alegre/RS – CEP 91.791-508

Telefone: (51) 3247.8400 – www.ifrs.edu.br/restinga – E-mail: gabinete@restinga.ifrs.edu.br

exportador e a fome avançando de outro, reitera que é evidente que tem uma lacuna, um campo aberto, e estes elos da produção ao consumo, passando por processamento, certificação, distribuição, marketing, delivery tem muito campo de trabalho, é preciso desenvolver modelos de empreendimentos que se encaixem nesta lacunas, nestes elos, é o grande desafio. Acredita que os colegas do eixo de Gestão podem auxiliar muito neste sentido, porque eles têm conhecimento sobre isto: economia de plataforma, cooperativismo de plataforma, modelos de negócios, problematiza: como conseguimos encaixar nestas lacunas estes conhecimentos de gestão ambiental, de produção sustentável?

Rudinei menciona que está convencido da importância dos cursos intercampi.

⇒ Tadeu: Aproveitando o conhecimento e a vivência na agricultura da região metropolitana e seus arredores. Uma pergunta pragmática: olhando para as possibilidades de curso do eixo tecnológico de Recursos Naturais, quais vocês veem com maior potencial de implantação no Campus? Olhando também a demanda da cadeia produtiva na região e da empregabilidade, da colocação destes egressos futuramente. Outra pergunta no sentido de projeção, pensando enquanto Instituição: como veem futuramente como uma oportunidade do IFRS se consolida como uma instituição que promove algumas iniciativas diferentes de outras, tal como a UFRGS e sua Agronomia, como vêem a possibilidade do IFRS e seus cursos já implementados e outros em implementação, de o IFRS se consolidar como fomentador de uma visão diferente no eixo de Recursos Naturais?

Agrônomo Sandro Fidler responde que vê o curso de Horticultura com um potencial bem forte por ser uma característica bem forte da região, afirma que a Emater não conhece bem, os bancos não conhecem, o sistema de crédito não conhece, não são contemplados nos seguros agrícolas, é como um primo pobre. Complementa trazendo a questão dos agrotóxicos, dos resíduos: a CEASA tem um sistema de monitoramento (a rede do alimento seguro, que envolve Ministério Público, SEBRAE, Emater) para monitorar resíduos de produtos não permitidos ou acima do permitido nas hortaliças e frutas que estão lá, o que é muito bom. Por outro lado, tem um conjunto de produtos que são permitidos estar no alimento, o que não é debatido, mas não vemos este movimento na soja consumida. Afirma que a Horticultura é posta como vilã, mas consome-se veneno no arroz, na soja, mas isto não entra no debate. A horticultura precisa ter uma relação mais aberta para as pessoas entenderem que o agricultor só tem folga no domingo a tarde, tem dificuldade de participar de reuniões, recebem mudas toda hora, tem o manejo da lavoura, tem a venda, tem perfis diferentes de agricultores: que atendem redes de supermercados, que atendem um supermercado só, os feirantes, os de CEASA, os que vendem nas casas, são tipos diferentes de agricultores, e carecem muito de tecnologia na área, estamos muito atrasados de tecnologia em Horticultura. Dentro dos cursos elencados, afirma que coloca a Horticultura e em seguida a Fruticultura, como cursos possíveis de implantação, mas dentro do viés da produção agroecológica.

Prof. Fioreze corrobora a fala do Agrônomo Sandro e diz que não vê como implantar qualquer um dos cursos do eixo de Recursos Naturais: vê apenas a Agroecologia, a Horticultura, que abrange a fruticultura, a jardinagem, o paisagismo. Percebe grande demanda na área de jardinagem e paisagismo. A horticultura e todos os seus ramos se complementam. Os dados de Viamão mostram que existem 5000 sítios, Porto Alegre deve ter 2000 ou mais, então tem um potencial enorme. Afirma que é preciso levantar esta necessidade e criar modelos de empreendedorismo socioambiental, onde os egressos possam se encaixar. Falta a prospecção ativa no mundo do trabalho, no território, nas cadeias que existem, que não são só agroalimentares, tem a questão do turismo, onde acredita que a agroecologia se encaixaria mais, dando uma perspectiva de verticalização na microregião, no ecossistema dos campus Restinga, Viamão, Alvorada, Porto Alegre e Canoas, principalmente os três primeiros. Não vê possibilidades de implantação dos demais cursos, ainda que tenhamos uma orla lacustre extensa, e que não é explorada suficientemente do ponto de vista da produção e empregabilidade. Avalia a área de produção de grãos como muito pequena e contida na agroecologia. Sobre o IFRS desenvolver um modelo ou proposta de intervenção socioambiental



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

Campus Restinga

Rua Alberto Hoffmann, 285 – Restinga – Porto Alegre/RS – CEP 91.791-508

Telefone: (51) 3247.8400 – www.ifrs.edu.br/restinga – E-mail: gabinete@restinga.ifrs.edu.br

diferenciada, acredita que com o projeto EcoViamão e das hortas, fica claro um compromisso de atuação muito forte com a rede estadual e municipal, presença com muitos projetos e iniciativas. Afirma que a extensão tem papel neste cenário, porque as escolas talvez sejam a última instância do Estado presente nas vilas e periferias dos municípios do entorno. Este trabalho socioambiental, com projetos envolvendo alunos, com bolsistas, voluntários, com projetos de hortas, mas também de segurança alimentar, de educação ambiental, de cooperativismo, este é o tripé, o resto é ferramenta para entrar nas comunidades (a horta, por exemplo), mas o que está subjacente é a educação ambiental, a segurança alimentar e a cooperação. Afirma que precisamos trabalhar este tripé para fazer com o que o povo da periferia possa desenvolver algum grau de sustentabilidade, seja na produção de alimento, numa horta doméstica ou comunitária, de uma alimentação melhor e mais saudável, de economia solidária, de cooperativas, visando diminuir o peso dos alimentos e da doença no orçamento familiar. Podemos trabalhar projetos de extensão, juntamente com os irmãos da rede municipal e estadual, enxerga muito potencial nisto.

Respondidas as questões apresentadas, o Diretor Geral Rudinei encerrou o seminário, agradecendo aos palestrantes. Reforçou o convite para o seminário de 01/06, às 17:30. Agradeceu a presença de todos e dos membros do GT do Edital 019/2022 de Recursos Naturais.

Por: Divane Floreni Soares Leal
Coordenadora de Desenvolvimento Institucional
Portaria 238/2021
Porto Alegre, 30/06/2022